

pelo espírito de sua mãe
EVERILDA BATISTA,
o médium

ROBSON PINHEIRO

DEGUSTAÇÃO
CORTESIA
DO EDITOR

romance espírita

SOB *a* LUZ *do* LUAR



**casa dos
espíritos**

SOB *a* LUZ *do* LUAR

romance espírita

ROBSON PINHEIRO

pelo espírito de sua mãe

EVERILDA BATISTA



casadosespíritos

1ª edição degustação | agosto de 2009 | 40.000 exemplares | venda proibida
Originalmente publicado sob o nome *Caravana de luz*
CASA DOS ESPÍRITOS EDITORA LTDA., © 2009

Todos os direitos reservados à CASA DOS ESPÍRITOS EDITORA LTDA.
Rua Floriano Peixoto, 438 | Novo Progresso
Contagem | MG | 32140-580 | Brasil

Tel/Fax +55 31 3304 8300
www.casadosespiritos.com.br
editora@casadosespiritos.com.br

TÍTULO Sob a luz do luar
AUTOR Robson Pinheiro
FORMATO 14 x 21 cm

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO, por Alex Zarthú	X
AMOR DE MÃE, por Everilda Batista	XII
Notícias do outro lado	03
Retorno ao lar espiritual	04
Marcas do passado	10
Salu, a grã-sacerdotisa	53
Sociedade dos espíritos	61
Feira dos milagres	83
Pronto-socorro espiritual	95
A técnica sideral	109
Uma vez mãe, sempre mãe	135
Hospital do Silêncio	143
Observações na Crosta	159



CAPÍTULO 2
RETORNO *ao* LAR
ESPIRITUAL

(...)

ACORDEI AOS POUÇOS, mas não abri os olhos. Estava pensando, relembrando o que sucedera comigo. “Estarei morta?” — me perguntava. Mas eu estava pensando, me apalpava e podia sentir meu corpo. Aí, acabaram-se as precauções. Estava viva, definitivamente viva. Um pouco fraca, mas viva. Resolvi abrir os olhos devagar, e a primeira coisa que pude ver foi um par de olhos amendoados olhando para mim, olhos mansos que me fascinavam... Acho que nunca mais esquecerei aquele olhar. Era um médico sim, um velho, não tão velho, mas já idoso, com um sorriso encantador, que me transmitia uma segurança muito grande.

Estava no hospital sim — mas em outro quarto, eram outros móveis. Sentia-me ligeiramente fraca, porém, de resto, estava bem. Não sentia mais a angustiante falta de ar, e o coração parecia estar normalizado. Alguma coisa estava diferente, no entanto. Meus pensamentos pareciam mais claros, rápidos, e conseguia raciocinar melhor, sem as dificuldades de antes. Àquela altura já havia decidido: não ficaria mais um minuto sequer no hospital. Tinha que ir para casa, trabalhar, fazer qualquer coisa, menos fi-

car ali parada, olhando não sei o quê. Nunca fui de ficar de braços cruzados. Resolvi, em alguns segundos, falar com o médico. Parecia-me uma pessoa muito boa e agradável; sentia-me bem com ele.

Enquanto esses pensamentos me ocorriam, era impossível não reparar no hospital. Havia algo estranho no ar: desde as cadeiras e janelas até o ar fresco entrando, pela manhã; tudo era curioso, diferente, mas bom. Fazia-me bem.

Resolvi, então, falar, já que o médico — pelo menos eu pensava que ele o era — não dizia nada. Só me olhava com seus olhos mansos, a barba alva e o sorriso de criança; havia muito carinho nele para dar.

— Então, doutor — arrisquei. — Desta vez escapei, né? — falei com voz um pouco fraca. — Parece que sou osso duro de roer, a morte passou e foi sozinha. Acho que desta vez chegou perto.

— É, Everilda, realmente ela passou, mas agora convém que você fique tranqüila, em repouso, até recuperar-se mais. Agora que acordou, é bom que se dedique ao estudo, conforme sua disposição, pois teremos muito trabalho pela frente.

Era estranho: as palavras me saíam com facilidade, embora a debilidade e a fraqueza. Algumas

lembranças forçavam para se tornar mais conscientes em minha memória, enquanto eu tentava entabular uma conversa com o médico.

Falei-lhe da vontade de ver meus filhos, a família, e que, de mais a mais, já estava boa, queria ir para casa, recuperar-me lá, junto aos familiares. No fundo, já sabia que algo havia acontecido comigo, apenas adia o reconhecimento da verdade. Claro: eu desencarnara. Tudo seria diferente agora. Uma nova realidade se desdobraria diante de mim. Era o começo de uma nova etapa.

(...)

Espíritos iluminados passavam constantemente entre nós, assemelhando-se a cometas que rasgam as noites, iluminando-nos com suas vibrações doces e suaves. Alguém em nossa dimensão, um senhor de estatura alta e intensa força mental, trazia uma espécie de prancheta com diversos nomes de espíritos que haveriam de se utilizar do médium naquela noite, a fim de enviar suas mensagens.

Acomodei-me em determinado canto do pequeno salão, próxima a meu filho, que chorava muito com as emoções que experimentava por estar ali. Eu afagava-lhe os cabelos enquanto Matilde se dirigia à mesa mediúnica, falando com o dirigente

espiritual da reunião da noite. Recolhi-me em prece, rogando a Deus por aquela multidão que vinha em busca de algum consolo para suas mágoas, dores e sofrimentos.

8 Deixei meu filho sentado e dirigi-me para perto de um espírito que chamava atenção pela maneira amorosa com que atendia às pessoas. Quando passava a mão sobre a cabeça de alguém, suave luz envolvia seu assistido, causando-lhe imenso benefício. Pedi para auxiliar de alguma forma e fui imediatamente aceita na equipe de trabalho, encarregando-me de ajudar as mães que vinham pedir notícias de seus filhos desencarnados. Fiquei imensamente satisfeita com a oportunidade que me fora concedida e pus-me a trabalhar. Era tanto por fazer que logo me envolvi inteiramente na tarefa que me fora confiada. O trabalho sempre fora para mim motivo de alegria e, deste lado, desde que despertei para a verdadeira vida, nunca me permiti um único momento de ociosidade.

Nesse envolvimento com o consolo a outras mães desencarnadas, não vi o tempo passar, até que meu nome foi pronunciado por elevado companheiro da Vida Maior, que orientava os trabalhos da noite.

— É a sua vez de mandar o seu recado — falou o amigo espiritual. — Aproveite e fale ao seu filho.

— Mas como? Eu nem sei como fazer para escrever pelo médium e ...

— Calma, minha irmã. Sei que a emoção é muito grande, mas não tem nenhum mistério. Nós a auxiliaremos. Concentre-se. Aproxime-se do médium, feche os olhos e imagine-se perto de seus filhos. Fale pelo pensamento com todo o amor que você tem para com eles.

Concentrei-me intensamente. Orei a Deus e agradei a oportunidade de estar ali, amparada. Coloquei em meus pensamentos tudo o que desejava falar ao meu filho. Abri lentamente os olhos e pude perceber tênues fios que partiam de mim e iam ao encontro do médium. De sua cabeça e de seu coração emanavam suaves vibrações, enquanto uma luminosidade azul e dourada nos envolvia a ambos. O mentor que me convidara envolveu-me em abraço fraterno e pude então perceber-lhe mais intensamente o pensamento, que me auxiliava. Seu nome? Bezerra de Menezes.

(...)



CAPÍTULO 3
MARCAS
do PASSADO

ESTÁVAMOS REUNIDOS em vasto salão, onde um amigo mais esclarecido explanava a respeito dos desafios vivenciados por aqueles que se encontravam na Terra, mergulhados na experiência reencarnatória. Ao fim da exposição, fui convidada por Matilde a participar de uma caravana de estudos e socorro que tinha por objetivo assistir alguns espíritos que se encontravam em tal situação, ou seja, no corpo físico.

(...)

Acompanhados de um espírito, Alfredo, que juntamente com Matilde nos orientava a tarefa, dirigimo-nos a uma avenida central da cidade, onde deveríamos atender ao pedido de socorro em favor de um irmão, que, encarnado, juntara-se a um grupo formado por *hippies*. O rapaz era assistido pela bondade de um espírito que a nós se apresentava como uma senhora de idade mais avançada, a qual, deste lado de cá, velava incessantemente pelo companheiro em dificuldade.

Paulino, o pupilo que nos reclamava o concurso, estava deitado sob a marquise de uma casa noturna desativada, em rua de pouca movimentação na área central, ao menos àquela hora. Vimos algumas entidades com trajes exóticos, que por nós passaram,

sem, contudo, identificar-nos a presença. Estranhei não observar ali a presença de outros espíritos, violentos ou maus, apesar de ser o ambiente caracterizado por uma vibração pesada e atmosfera espessa.

Matilde, prestimosa como sempre, apressou-se em esclarecer:

— Everilda, a relativa tranqüilidade do ambiente, bem como a ausência quase absoluta de entidades verdadeiramente desequilibradas por estes lados, deve-se à presença de Antônia, espírito dotado de grande capacidade de amor e que zela por nosso Paulino. Embora não tenha tantas conquistas intelectuais, o amor que a caracteriza, desinteressado, confere a seu espírito um poder de irradiação tal que sua simples presença aqui, junto a Paulino, torna-se suficiente para que a várias quadras deste local se note a sua influência. É um forte obstáculo à atuação de espíritos das trevas que porventura queiram fazer arruaça por estes lados. Ademais, minha querida, vê logo adiante?

Observei ao redor e só agora pude avistar um grupo de espíritos em cada esquina, como que vigilantes, atentos a tudo que se passava nos dois planos.

— São estes — continuava Matilde — os espí-

ritos encarregados do patrulhamento noturno, da guarda das ruas e avenidas, e que têm a incumbência de reportar aos postos de socorro mais próximos a mínima alteração na ordem local. São os responsáveis por promover o auxílio imediato àqueles que necessitam de ajuda, nos dois planos da vida. Tais espíritos facilitam muito nossas tarefas. Quando precisamos visitar alguma residência, por exemplo. Seja nos trabalhos de psicografia, para levar algum consolo, ou nas tarefas específicas de cura e tratamento espiritual, quando se desloca uma equipe em direção ao domicílio de alguém, são os guardiões das ruas que localizam o endereço e nos conduzem ao destino com a máxima precisão.

13

“Neste caso, minha querida, as irradiações amorosas de Antônia congregaram vários irmãos de nosso plano, que vibram na mesma sintonia, a se dispor ao auxílio, fazendo a limpeza das ruas adjacentes. Observe quanta força tem o amor. São os guardiões estes tarefeiros silenciosos que ajudam sem impor condições, inspirados pela fraternidade universal.”

Voltando nossa atenção a Paulino, pudemos observar que seu corpo físico, que repousava naquele instante, encontrava-se repleto de tatuagens

em forma de serpentes e morcegos, entre outras, sobrando pouco lugar na epiderme que não estivesse coberto com as imagens nada agradáveis; sinistras mesmo. Com nossa aproximação, Antônia afastou-se respeitosamente, mantendo-se em atitude de prece, que não ousei interromper, apesar de toda a minha curiosidade.

Acompanhei Matilde, que se acercava de Paulino e ministrava-lhe energias magnéticas. Pudemos vê-lo desprender-se para o plano extrafísico, embora não sem dificuldades. A princípio, parecia revirar-se dentro do próprio corpo, emitindo alguns gemidos entrecortados ou soluços, numa nítida manifestação de medo. À medida que se intensificava a emissão magnética, ele foi-se afastando do corpo físico, quando pude observar o que realmente se passava.

Trazido para nosso plano através do recurso magnético, Paulino debatia-se entre gritos e espasmos violentos, como se estivesse em meio a um ataque epiléptico. Aos olhos dos encarnados, seria realmente essa a primeira dedução, caso observassem suas reações. Olhos vidrados, como se fixos em algo distante, e inquietos no instante seguinte, alternadamente; pontapés e socos desferidos no

vazio, como quem se debate com alguma coisa ou alguém, acompanhados sempre de gemidos de dor, denotando profunda agonia e sofrimento.

(...)

De repente, via cenas, cidades, pessoas e toda uma movimentação que mais se assemelhava a uma projeção cinematográfica exibida em sentido contrário, em meio a turbilhões de energia pura. Era o fenômeno da regressão de memória extrafísica, levado a termo e esquadrinhado em seus mínimos detalhes. As cenas se sucediam com espantosa rapidez, e, em dado instante, senti-me como eu mesma estivesse imersa nesse mar de pensamentos e imagens mentais. Se algum escritor da Terra observasse o momento em que eram desencadeadas as irradiações magnéticas, certamente o descreveria como um lance de ficção científica. Para mim, era o poder da mente, liberada sobre outra mente; nada mais que a realidade do espírito em evidência, ainda que fosse pouco compreendida naquela ocasião.

Pouco a pouco as cenas foram clareando. A velocidade dos fatos sob observação estava diminuindo, até que tudo parou. Atentamente, examinava agora um grande castelo medieval encravado em rochas íngremes e rodeado por extenso fosso, toda

a paisagem envolvida por intenso nevoeiro. Alguns cavalos se dirigiam ao portão central, cavalgados por homens com negras armaduras. Havia barulho de metal e de animais domésticos e o burburinho de pequeno grupo de pessoas no interior da fortificação.

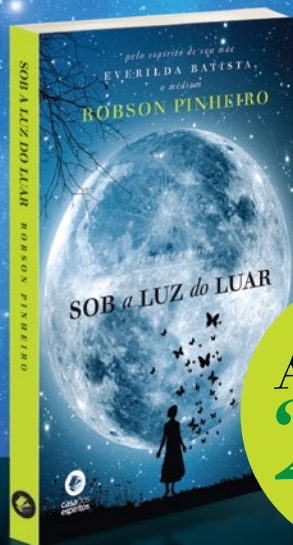
Dentro dos muros, vários prisioneiros eram conduzidos por três homens corpulentos, razão pela qual o lugar se afigurava uma prisão. O grupo foi confiado ao carcereiro, um homem de aspecto não muito agradável, com vestes negras e capuz jogado sobre as costas. Ao recebê-los em custódia — foi o que entendi, mas não sei por qual processo vim a saber o que conversavam —, foi instruído a manter os homens em cativeiro até que o senhor daquelas paragens solicitasse sua presença.

(...)

A LUZ QUE ILUMINA A NOITE ACENDE TAMBÉM O CORAÇÃO DOS HOMENS

SOB A LUZ DO LUAR

Romance espírita
do médium
ROBSON PINHEIRO
pelo espírito de sua mãe,
Everilda Batista.



LANÇAMENTO
AGOSTO
2009

SOB A LUZ DO LUAR.

Um clássico reeditado, agora em nova edição revista. Assim como a Lua, Everilda Batista ilumina as noites em ajuda às almas necessitadas e em desalento.

Participando de caravanas espirituais de auxílio, mostra que o aprendizado é contínuo, mesmo depois desta vida. Ensina que amar e servir são, em si, as maiores recompensas da alma. E que isso é a verdadeira evolução.

Editado originalmente em 1998 sob o título *Caravana de luz*, o novo *Sob a luz do luar* vem com projeto gráfico moderno e texto totalmente revisado.

Um clássico da Casa dos Espíritos Editora, que continua a iluminar e inspirar os leitores.



**casados
espíritos**